

PERFIL DE PROFESSORES DA UEM

Ícone do rock local e lutador, Rafael Souza relembra suas aventuras europeias

Alexandre Gaioto

03/10/2017 às 16:35 - Atualizado em 04/10/2017 às 16:21



TWITTER



FACEBOOK

A arte, às vezes, se curva diante de determinadas pessoas. E esses poucos privilegiados podem explorar ao máximo os limites da arte, cumprindo seus objetivos de uma forma extremamente competente. É assim com o maringaense Rafael Souza, que, além de dominar a arte do cálculo - capaz de destrinchar difíceis e intermináveis equações no quadro -, também domina a arte da música – é uma figura lendária do rock maringaense - e a arte do jiu-jitsu – premiado internacionalmente, inclusive.

Explorar as possibilidades artísticas de uma forma tão intensa, porém, às vezes pode colocar o artista numa situação delicada, tal como agora está o professor do departamento de Engenharia Civil da UEM, músico e lutador. Há dois meses, ele vem frequentando três vezes por semana as sessões de uma hora de fisioterapia, a fim de restabelecer os movimentos atrofiados de seu ombro esquerdo. O maringaense teve seu braço deslocado, ao ser golpeado pelo oponente durante o último treino de jiu-jitsu. "Hoje, nem consigo fazer o movimento de apertar o sutiã, sabe?", comenta, rindo, enquanto toma um macchiato numa cafeteria próxima à clínica de fisioterapia.

"Engenharia Civil e jiu-jitsu são muito parecidos. Para construir um prédio, preciso dominar os métodos e as estratégias para assegurar que aquela estrutura não desabe. No jiu-jitsu, para vencer meu oponente, preciso dominar os métodos e as estratégias para fazer o contrário, para que ele desabe", compara o campeão da categoria master 1 (35 a 40 anos) do Naga, evento que há 27 anos é realizado nos Estados Unidos.

Bebericando seu café, Rafael Souza não aparenta ter 41 anos, mas uns 20 e poucos. Diante de seus olhos vivos, de sua curiosidade e seu empenho para ouvir bandas novas, desvendar artistas desconhecidos, entabular conversas incomuns, eu, que sou uma década mais jovem, sinto-me, de repente, mais envelhecido do que ele. Ninguém, aqui nesta cafeteria, adivinharia que esse homem de pouco mais de 1,60 metro, magro e de rosto fino, foi pesquisador por sete anos do CNPQ, concluiu o doutorado pela USP e, em 2006, fez seu primeiro pós-doutorado – ele hoje tem dois – em Illinois, nos Estados Unidos. Rafael Souza não é daqueles sujeitos que se esquecem de envelhecer, ou se recusam a fazer isso, encarnando, automaticamente, um papel patético. Na verdade, é um dos poucos homens em que a idade, sabe-se lá por quais motivos, simplesmente se recusa a interceder, garantindo-lhe, espontaneamente, um ar agradavelmente jovial.

"Tenho que estar sempre em movimento, ser constantemente desafiado", comenta o professor e proprietário

de duas empresas de engenharia. Sua rotina é tomada pelos projetos, independentemente do dia e do horário. "Feriado, de noite, no fim de semana: sou viciado em trabalho."

Filho de uma dona de casa formada em Biologia e de um professor aposentado do departamento de Química da UEM, Rafael Souza tem outros dois irmãos, que também seguiram a vida acadêmica: um é doutor em Física e leciona na Federal de Santa Maria (RS) e outro é pós-doutorando em Computação.

Leitor de John Fante, Jack Kerouac e Bukowski – chegou a visitar o túmulo onde o escritor está enterrado, nos Estados Unidos -, Rafael Souza compôs boas canções em sua carreira musical. Experiente, foi integrante da banda de trash metal Sex Hansen (1994-96) e das roqueiras The Guavas (1996-01), Leminskes (2007-08) e, única ativa até hoje, A Inimitável Fábrica de Jipes, formada em 2001.

"Com The Guavas, lançamos um CD quando poucas pessoas tinham aparelhos de CD! Com A Inimitável, lançamos um DVD ao vivo no Sesc de São Paulo, com participação do dramaturgo Mário Bortolotto. Fizemos muito pelo rock maringaense, mas a nova geração do rock local nem sabe quem eu sou", lamenta.

PUBLICIDADE

Casado e pai de dois filhos, o professor da UEM teve uma juventude intensa: foi "preso" por filmar, da calçada, as moças do Red Light, zona turística de Amsterdam em que prostitutas exibem-se nos janelões das casas. Refém das moças e de um cafetão sinistro, o jovem maringaense teve sua câmera destruída e pisoteada pelo salto agulha de uma das garotas. Na Europa, foi barrado pela imigração no Eurotúnel e mantido por quatro horas numa delegacia, quando deixava a Holanda e desembarcava em Londres. "Eu levava um monte de panfletos turísticos e, entre eles, tinha um sobre um museu da maconha. Acho que desconfiaram que eu fosse traficante."

Traficante, ele? Só se for de boas referências. Lá fora, testemunhou ao vivo o rock clássico do Who e o folk dos Avett Brothers e, em detalhes, resenhou as apresentações - até então nunca vistas no Brasil - para os amigos maringaenses. Carregando dezenas de CDs numa bolsa para onde quer que fosse, Rafael Souza reconheceu numa calçada norte-americana ninguém menos que Art Alexais, vocalista da banda de rock alternativa Everclear, e entregou-lhe um CD de sua Inimitável Fábrica de Jipes. O ídolo, que estava a caminho de uma rádio, surpreendeu o locutor e as dezenas de fãs que o aguardavam ao pedir, ao vivo, que executassem na programação uma música daquela desconhecida banda de rock. "On The Road para São Tomé", exigiu Art Alexais, sem saber que solicitava, ali, uma das melhores músicas já compostas no rock paranaense – informação, infelizmente, ignorada por garçons, pelo gerente e pelas dezenas de clientes da cafeteria maringaense.

Divulgação



Rafael Souza: professor da UEM, lenda do rock local e lutador